

DESTACÁVEL

associativismo



Queremos um Ministério de Agricultura FORTE
Que trabalhe com os Agricultores,
para os Agricultores, para os Consumidores,
para Portugal

Candidatura PDR2020 – 214 – 103098 | Operação 2.1.4 | Ações de Informação



Associativismo representa partilha de compromisso e de mais-valias



Rui Garrido
Presidente da ACOS

Em ano de comemoração de 40 anos, a ACOS, entidade organizadora da Ovibeja, decidiu homenagear o associativismo, o principal responsável pelo percurso que estamos a trilhar e que nos permite comemorar, hoje, 40 anos de Ovibeja, com “Todo o Alentejo deste Mundo!” E, como não podia deixar de ser, juntámos nesta reflexão, a voz das principais organizações agrícolas do nosso país e, ainda, a de uma cooperativa espanhola parceira da ACOS. Pretendemos refletir sobre a importância de trabalharmos em conjunto para o mesmo objetivo, potenciando meios e resultados.

O Associativismo agrícola é o principal fio condutor do trabalho que a ACOS tem vindo a realizar, desde o momento em que um grupo de pessoas se juntou, principalmente produtores pecuários, para encontrar soluções para problemas comuns. Hoje a ACOS continua a procurar as melhores soluções que respondam à viabilização e competitividade do setor na região e, em concreto, dos cerca de 2000 associados que tem atualmente. O papel da ACOS é estar ao lado dos agricultores, defender o setor agrícola e a dinamização e povoamento das zonas rurais. Com condições que permitam tornar a atividade agrícola, pecuária e florestal atrativas para todos, principalmente, para os jovens.

A ACOS tem mais de duas dezenas de serviços de apoio à atividade. Desde os serviços de apoio técnico ao agricultor, formação profissional, laboratórios de química e de veterinária, sanidade animal, serviços de comercialização de ovinos e de bovinos, centro de inspeção periódica de equipamentos de pulverização,

posto de venda de produtos veterinários e agropecuários. É detentora do Livro Genealógico da Raça Campaniça. Faz a recolha de cadáveres de pequenos ruminantes (SIRCA). E, além de muitos outros serviços de apoio ao agricultor, também realiza eventos. É o caso do IV Congresso Luso-Espanhol de Pecuária Extensiva e Desenvolvimento Rural, programado para os dias 14 e 15 de novembro próximos e que realiza em parceria com entidades portuguesas e espanholas. E realiza a Ovibeja há 40 anos.

Nos tempos conturbados que vivemos, é fundamental sabermos refletir em conjunto sobre o papel e a importância do associativismo. Penso que precisamos também de recentrar conceitos, formas de trabalhar e de comunicar. Precisaremos de evoluir, de reformular modelos, mas não podemos cair no erro de desbaratar patrimónios, como é o caso do associativismo. Sozinhos não vamos a lado nenhum. Hoje as novas tecnologias permitem criar e mobilizar grupos espontâneos com a maior das facilidades. O que é positivo. É, no entanto, importante refletir sobre a importância da consistência, do compromisso, do trabalho conjunto, continuado, partilhado e aperfeiçoado.

Em conjunto produzimos mais barato. Em conjunto vendemos melhor. Em conjunto temos mais poder reivindicativo. Temos que cultivar cada vez mais o associativismo, a união dos agricultores, a confiança nas suas associações. A articulação de esforços entre diferentes estruturas – também entre a produção e a ciência – para evoluir, ganhar escala, capacidade de mobilização e de reivindicação das melhores condições para o setor, para a região e, em consequência, para o cidadão comum a quem chega o resultado do trabalho dos agricultores, produtores pecuários, florestais, setores da transformação agropecuária. O associativismo representa partilha de compromisso e de mais-valias.

Associativismo, a chave do desenvolvimento agrícola



Luís Capoulas Santos

Ex-ministro da Agricultura

O Homem é, por natureza, um ser social, já o dizia Aristóteles. O sucesso da Humanidade deve-se a esta característica inata. Sem a entrajuda e a cooperação entre os indivíduos, não teria sido possível sobreviver às feras e ao clima, adaptarmo-nos a todas as latitudes e tornarmo-nos a espécie dominante do planeta.

Sendo a agricultura a mais importante actividade económica, desde o Neolítico até, nos países desenvolvidos, à Revolução Industrial, é natural que a evolução das formas associativas agrícolas tenham acompanhado a evolução e a complexificação das sociedades humanas.

Atendo-nos apenas ao período histórico em que se pode falar, com propriedade, de associativismo agrícola, tal como hoje o concebemos, ou seja, desde a instalação do liberalismo em Portugal, depois de 1834, que pôs fim às amarras vindas da Idade Média e permitiu desabrochar o livre associativismo, lido, naturalmente, no contexto histórico da monarquia constitucional e da I República, percorreu-se um longo e frutuoso caminho. Foi, infelizmente, interrompido pelo Estado Novo, com a instituição da organização corporativa da lavoura, mas retomado, em liberdade, depois de 25 de abril de 1974, não sem as dores de parto do período revolucionário. Hoje, 50 anos passados, o movimento associativo português está consolidado e com um relevante papel a desempenhar no presente e no futuro.

Ocorre a Ovibeja de 2024 num contexto de mudança de ciclo político no plano nacional, com a entronização de um novo governo, e de profunda

incerteza quanto ao futuro no plano externo, desde logo decorrente da ameaça russa que põe em causa a ordem internacional que deu à Europa o maior período de paz e prosperidade de toda a sua História e que provocará, provavelmente, a reorientação de uma boa parte da despesa pública para a componente militar, com prejuízo de outras, entre as quais a agricultura.

A prevalência de outros focos de conflito à escala global, os inevitáveis novos alargamentos da União Europeia, cujos impactos negativos no orçamento agrícola não serão dispiciendos e a emergência climática com todos os desafios que encerra, são matérias que exigem profunda reflexão e debate de que as organizações agrícolas portuguesas não podem estar alheadas.

Eis, pois, um conjunto de boas razões para felicitar a ACOS por dar palco ao tema na OVIBEJA 2024 e para antecipar um bom debate entre e com as principais organizações agrícolas portuguesas.

Um Percurso Notável de Combate às Adversidades



Álvaro Mendonça e Moura

Presidente da CAP

O associativismo agrícola nacional está neste momento profundamente enraizado na Europa, partilhando problemas e preocupações comuns, mas a sua história acompanha a génese da Confederação dos Agricultores de Portugal, que emerge de numa convulsão social provocada pela ocupação e nacionalização de propriedades agrícolas, na sequência do processo revolucionário iniciado em abril de 1974.

O movimento associativo é por princípio permanente e contínuo, mas, na realidade, é nos momentos de crise que se afirma e se fortalece, evoluindo na reação às adversidades e aos múltiplos desafios que vão aparecendo. Em 1986, Portugal aderiu à então Comunidade Económica Europeia (CEE) e um conjunto de novos desafios e dificuldades, relacionados com a integração no mercado comum, colocou-se de imediato aos agricultores portugueses.

Neste contexto, tornou-se óbvio que o país iria necessitar de um movimento associativo forte no setor agrícola, no sentido de corresponder ao cumprimento das novas regras e programas comunitários para o setor e, no fundo, de colmatar as dificuldades do Estado em disponibilizar os serviços e apoios técnicos necessários para o efeito, o que só viria a ser possível com a progressiva delegação de competências nas organizações de agricultores, ou seja, no movimento associativo.

A CAP lança então um conjunto de serviços relacionados com as candidaturas, o registo animal e o parcelário, entre outros, desenvolvendo o seu corpo técnico e as suas competências no domínio das políticas agrícolas europeias, implantando, em 1988, a sua delegação em Bruxelas e integrando o movimento associativo europeu de agricultores.

No plano interno, a CAP passou a representar o setor agrícola perante o governo e as entidades oficiais, assumindo-se como parceiro na Concertação Social, como entidade de interesse público e como organização socioprofissional de cúpula do movimento associativo agrícola, agrupando organizações regionais e setoriais, de forma transversal, em todo o território nacional.

É um percurso do qual nos orgulhamos, que acompanha e faz evoluir todo o movimento associativo agrícola nacional ao longo de quase cinco décadas e que é hoje fundamental na aplicação da PAC, na promoção dos produtos nacionais, no apoio técnico, nas intervenções sanitárias, e na recolha de dados para as instituições nacionais e europeias, entre muitos outros aspetos da nossa vida coletiva. É também um percurso que não seria possível sem o forte empenho e contributo dos múltiplos dirigentes associativos que compõem a nossa estrutura e aos quais estou profundamente grato.

O papel da CNA no Alentejo



Joaquim Manuel Lopes

Direcção da CNA

Foi pela mão da CNA e das suas associadas do Alentejo que, em dois momentos de seca extrema, nos primeiros anos deste século e no Verão passado, milhares de animais foram salvos da morte à fome com a disponibilização de palha e feno a preços acessíveis aos seus proprietários.

Este objectivo só foi conseguido pelo relacionamento da CNA com organizações congéneres da Europa, em especial, pela solidariedade de organizações e agricultores franceses, com o empenho de muitos dirigentes e agricultores do Alentejo ao serviço da agricultura da região e com o apoio de algum poder local democrático do Alentejo.

Não foi com os tostões do Ministério da Agricultura, porque o gado não come euros, e bem poucos que foram, nem com a política agrícola europeia, virada para outras andanças, que tal aconteceu.

Outro exemplo positivo da força do associativismo agrícola, organizado pelas Associadas da CNA, foi a experiência de venda directa de produtos hortícolas a refeitórios escolares do Alentejo, bem como a dinamização de vários mercados municipais na região.

E já que falamos de políticas agrícolas, o acesso à terra por parte da pequena e média agricultura, dos rendeiros e seareiros de campanha deixa muito a desejar, uma vez que um rendeiro parte logo para uma campanha com o prejuízo de uma renda na conta final da cultura. É, por isso, necessário assegurar uma reserva estratégica de terra que permita o seu uso por produtores de menor dimensão.

As regras produtivas do país têm que conduzir à maior aproximação da auto-suficiência e isso exige coragem e uma estratégia nacional que limite o uso da terra arável por culturas permanentes intensivas e supertintensivas, bem como os recursos hídricos a elas associados, ou pelas baterias de painéis solares que cobrem muitos hectares de terra com aptidão agrícola. É preciso evitar que o capital financeiro use os recursos

naturais do país até à exaustão em nome de lucros que nem sequer sabemos onde vão parar.

A comercialização das produções é cada vez mais um acto especulativo, mais uma vez em nome do lucro fácil por parte da grande distribuição e em nome do livre comércio. Muito desse lucro é potenciado pela importação de produtos alimentares, produzidos com regras e custos bem diferentes. A aposta na criação de uma distribuição diferente, numa lógica de proximidade, e que envolva produtores e consumidores, é fundamental para o desenvolvimento da agricultura regional e até nacional.

Por fim, a implementação do Estatuto da Agricultura Familiar é central para a fixação de gente nova e nova gente no interior.

AJAP na linha da frente do associativismo



Firmino Cordeiro
Diretor-Geral da AJAP

Desde a sua constituição a AJAP, “pulverizou” o associativismo agrícola juvenil. É gratificante recordar nesta fase o movimento que levou à constituição de várias associações de Jovens Agricultores, no Continente, nas diferentes Ilhas do Arquipélago dos Açores, e a AJAMPS (Madeira e Porto Santo). Na Europa destacamos as relações por via do CEJA - Conselho Europeu de Jovens Agricultores (da qual a AJAP é associada desde a sua constituição), e por via do CEJA, com todas as associações de Jovens Agricultores dos países da UE, por último, além-fronteiras com as organizações de Jovens Agricultores que ajudamos a constituir em Moçambique, a AJANG - em Angola, a AJAG - Guiné Bissau, a AJASTP - em São Tomé e Príncipe, e no Brasil, com várias pelos diferentes Estados.

Desde a afirmação da figura do Jovem Agricultor em Portugal, a AJAP tornou-se uma embaixadora de excelência desta figura. Está em causa rejuvenescer o setor, melhorar as condições de vida dos Jovens Agricultores, e a dignidade da agricultura enquanto atividade económica. São bandeiras que a AJAP considera suas de pleno direito, paulatinamente conquistadas ao longo das já mais de quatro décadas de existência.

Importa assinalar a luta da AJAP pela afirmação e surgimento da figura JER - Jovem Empresário Rural, culminando parte deste processo com a sua publicação no Decreto-Lei n. 9/2019 de 18 de janeiro, em resultado da nossa preocupação constante com a necessidade de rejuvenescer e dinamizar os territórios mais deprimidos do País, e combater o forte abandono e a desertificação a que estão cada vez mais expostos. Denominados territórios de Baixa Densidade, inseridos na ampla definição de Zonas Rurais, essas dinâmi-

cas económicas e sociais devem, na perspetiva da AJAP, passar pela instalação de mais Jovens Agricultores, bem como pela instalação de Jovens Empresários Rurais.

O reconhecimento público da AJAP ao longo dos anos foi seguindo em crescendo, desde cedo considerada Instituição de Utilidade Pública, para pouco tempo depois assumir o Estatuto de ONGD - Organização Não Governamental para o Desenvolvimento, e um pouco mais tarde passar a ser considerada uma organização membro do CES - Conselho Económico e Social. A AJAP é ainda associada, por vezes parceira, de várias instituições, destacamos algumas, como o CEJA, da Euromontana, que representa as regiões de Montanha na UE, bem como no âmbito das relações de proximidade que sempre tivemos, e mantemos muito ativas com os países da CPLP - Comunidade de Países de Língua Portuguesa.

A luta contra os efeitos devastadores das alterações climáticas (que se fazem sentir com mais acutilância em Portugal no contexto europeu), assume uma preocupação permanente da AJAP, apesar de se estar a fazer alguma coisa, muito trabalho e desafios temos pela frente, estão em causa muitas de culturas de sequeiro que se podem perder, para além de continuarmos a ter muitas áreas de floresta quase abandonadas onde os matos e os incêndios vêm desequilibrando ecossistemas e perdas na fauna e na flora.

Temos cada vez mais períodos de seca, e menos chuvas, com chuvas mais concentradas, devemos avançar o mais depressa possível no armazenamento de maiores quantidades de água, apostar no regadio e na eficiência dos sistemas de rega, no real conhecimento das necessidades de água das culturas, e obviamente nas mais diversas formas de poupança da água e da sua reutilização.

Volvidas mais de quatro décadas da nossa existência, muitas das preocupações ainda se mantêm, desde logo o fraco rejuvenescimento dos nossos agricultores, somos os mais envelhecidos e os menos rejuvenescidos da Europa, 55% dos nossos agricultores têm mais de 65 anos, e os Jovens Agricultores percentualmente são apenas 3,9%, dos agricultores em Portugal. Num país caracterizado pela pequena e média agricultura, infelizmente temos assistido ao abandono de muitas explorações (nomeadamente de pequena e média dimensão), devido fundamentalmente à ausência de medidas de política ajustadas a estas realidades e ao setor em geral, e em relação aos jovens agricultores, continuamos a não fazer os devidos esforços para que as medidas de apoio à instalação sejam atrativas, e pelo facto de não possuímos um verdadeiro acompanhamento técnico aos jovens agricultores após a aprovação dos seus projetos.

Sentimos falta de apoios efetivos por parte dos últimos governos (em particular do último), o ministério perdeu muita influência nesse Governo e áreas que sempre foram da sua responsabilidade,

impõem-se alterações urgentes, como é igualmente prioritário desfazer o que em nosso entender não faz sentido, ao incluir as ex - direções regionais de agricultura, debaixo do chapéu das comissões de coordenação regionais. O setor só consegue apresentar, alguns sinais de vitalidade e crescimento devido ao enorme esforço dos agricultores, pela sua capacidade de trabalho e resiliência (veja-se o nível de autoabastecimento alimentar, e as exportações do país), uma vez o esforço nacional por parte do governo tem sido mínimo quando comparado com outros países da União Europeia, basta olhar para a vizinha Espanha.

Acreditar e ter esperança, que estes novos tempos políticos reconheçam a agricultura como uma atividade estratégica para Portugal, e acima de tudo que respeitem todos os agricultores em Portugal, apesar da sua dimensão, pois todos são importantes.

Um percurso nem sempre fácil comprometidos com o nosso melhor



Agustín González
OVIPOR

A OVIPOR nasceu há 43 anos como resposta à necessidade os criadores de ovinos da região de Andévalo (Huelva) de comercializar os borregos e obter um preço de mercado mais justo. Assim, era necessário unir os criadores, não só para obterem um valor mais elevado, mas também para a aquisição conjunta de todos os insumos e machos reprodutores e ao mesmo tempo, procurar oferecer uma maior informação e formação a todos os seus parceiros.

O nosso início não foi fácil. Depois de muitas

reuniões com criadores para expormos a ideia e o funcionamento do nosso projeto, só nove explorações se comprometeram a comercializar todas as nossas produções. Não foi permitida a adesão de mais sócios durante o primeiro ano, findo o qual e com base na nossa experiência de funcionamento, foram redigidos os estatutos com as normas de regulamentação, que no futuro, deveriam ser cumpridas tanto pelos sócios atuais, como pelos que futuramente viessem a participar no projeto.

A comercialização tradicional dos borregos, feita através de um intermediário, passou, com alguma dificuldade, a ser feita pelo próprio criador, transportando os seus animais para o matadouro e cobrando com base no valor da carcaça e na sua qualidade. Gradualmente, os criadores foram tomando consciência de que o sistema lhes trazia grandes benefícios e que lhes permitia obter melhores preços para a sua produção.

Na década de 80, foram criadas mais cooperativas de ovinos no sudoeste de Espanha e mantivemos comunicações e contactos que deram origem a diversas parcerias.

Já no século XXI, estas cooperativas uniram-se numa cooperativa de segundo grau EA GROUP (Grupo Extremadura-Andaluzia), criando o maior grupo comercial de ovinos da Europa com 720.000 borregos, 132.000 cordeiros e cabritos e 60.000 ovelhas comercializados em 2023.

Para tal, todas as cooperativas dispõem de centros de engorda e o grupo gere dois matadouros, um centro de preparação de peles, um centro de classificação de lã na Extremadura, uma sala de desmanche na Merca Madrid e tem capacidade para exportar carcaças e animais vivos, tanto para países europeus como para países do mundo árabe, exportando inclusivamente peças para o Japão.

Presentemente, não só comercializamos ovinos, mas também, através de outros grupos cooperativos, comercializamos os nossos vitelos, porcos e leite de cabra.

Além disso, construímos uma pequena fábrica em Puebla de Guzmán onde fabricamos as nossas rações de farinha e mistura de cereais para alimentar os nossos animais. Fornecemos alimento às mais de 850 explorações dos nossos criadores.

Ao longo de quase meio século de trabalho e constante empenho, devemos dizer que é uma grande satisfação saber que os criadores da OVIPOR se sentem orgulhosos por fazerem parte deste grupo empresarial. Continuaremos, como sempre, comprometidos em dar o nosso melhor!

SERVIÇOS

ACOS



ACOS AGRICULTORES
DO SUL

RIGOR • QUALIDADE • COMPETÊNCIA



ACONSELHAMENTO AGRÍCOLA



ASSISTÊNCIA TÉCNICA AO AGRICULTOR



CANDIDATURAS A DIVERSOS APOIOS COMUNITÁRIOS



SISTEMA DE IDENTIFICAÇÃO PARCELAR



SEGUROS DE COLHEITAS



RECONHECIMENTO DE REGANTES



CENTRO DE INSPEÇÃO PERIÓDICA OBRIGATÓRIA DE EQUIPAMENTOS DE APLICAÇÃO DE PRODUTOS FITOFARMACÊUTICOS



SISTEMA NACIONAL DE INFORMAÇÃO E REGISTO ANIMAL



SANIDADE ANIMAL



IDENTIFICAÇÃO ELETRÓNICA DE OVINOS, CAPRINOS E BOVINOS (E LEITURA DINÂMICA)



CONSERVAÇÃO E MELHORAMENTO GENÉTICO DA RAÇA OVINA CAMPANIÇA - ENTIDADE GESTORA DO LIVRO GENEALÓGICO DA RAÇA CAMPANIÇA



COMERCIALIZAÇÃO DE OVINOS E DE BOVINOS



TOSQUIA E LÃS



POSTO DE VENDA DE MEDICAMENTOS VETERINÁRIOS E COMERCIALIZAÇÃO DE PRODUTOS AGRO-PECUÁRIOS



SIRCA/OC - SISTEMA DE RECOLHA DE CADÁVERES DE OVINOS E CAPRINOS



FORMAÇÃO PROFISSIONAL



LABORATÓRIO DE QUÍMICA (AZEITONA E AZEITE)



LABORATÓRIO VETERINÁRIO



ANÁLISES DE SOLOS, DE FOLHAS E DE ÁGUA



INVESTIGAÇÃO & DESENVOLVIMENTO



OVIBEJA



COMUNICAÇÃO E IMAGEM - REVISTAS, PÁGINAS WEB, FACEBOOK E OUTRAS REDES SOCIAIS



RED DE OVINOS/CAPRINOS E DE BOVINOS



PEDIDOS DE PAGAMENTOS DE PROJETOS (PRODER E PDR2020)